

RUBEM BRAGA

S O L

Ora, tivemos hontem uma sexta-feira com alma de sabbado. Depois de tantos e tão longos dias de mormaço, de nuvens, chuva, de aborrecimento chegou o sól primaveril. Ah, que infame fui eu falando mal da primavera desta capital! Serias tu, Porto Alegre, uma cidade sem primavera? De Nitheroy costuma-se dizer que não tem lua: a população local contempla o lta do Rio.

Pois a primavera chegou. Numa sexta-feira, como os lobishomens. Clara e suave, ella chamou para rua os homens e as moças e as mulheres. E as ruas se encheram. Fiquei commovido vendo como as senhoritas desta urbs são sensíveis á luz loira do sól. Em centenas e talvez milhares de residencias as moças descobriram hontem de tarde que precisavam "fazer umas compras". Era mentira. Na verdade ninguém queria comprar nada. O que havia de bom na cidade, o que chamava as moças e por isso chamava tambem os homens era essa coisa grande coisa gratis, essa graça de Deus, o sól, o "claro sól, amigo dos heróes".

Que heróes? Não temos heróes. Claro sól, amigo das senhoritas. As senhoritas encheram a rua da Praia e outras ruas. E as senhoritas sorriam, e tinham prazer em andar. Como são inúteis e vagamente ridiculas e todavia como são memoraveis e excelsas as senhoritas! Salve as senhoritas, as suaves senhoritas amantes da loira luz do sól! Como são innocentes as senhoritas! Como são mysticas as senhoritas! Como são perturbadoras e como são perturbaveis as senhoritas Deus abençõe as senhoritas, e o Diabo as carregue!

Eu por mim, homem de idade já conspicua, eu por mim confesso que vaguei pela rua da Praia. Havia montes de rapazes plantados no meio da rua, e as senhoritas desfilavam pelas calçadas. Que fui fazer ali? Havia senhoritas que eram como pardaes. Passou uma senhora languida, alta, de alvo collo, uma garça real. Passaram louras meninas, canarios belgas. Duas eram parecidas com as Irmãs Pagãs. De repente fui atacado de uma saudade das Irmãs Pagãs. As Ir-

mãs Pagãs nem sequer me conhecem. Mas eu me sinto irmão das Irmãs Pagãs, porque nós tres somos filhos espirituales das transversaes da rua do Cattete. Lá vos conheci. Louras irmãs levianas, na esquina de Correia Dutra, filhas de uma dona de pensão e portanto typicamente cattetinas. E andaveis sem meias pelas ruas pobres e inquietas do Cattete. Depois veiu o Destino, e vos levou em automovel para urcas e capacabanas, buenosaires e outras gloriolas. Não vos guardei rancor. Si pudesse compraria meia duzia de pares de Irmãs Pagãs. Compraria em espirito de innocencia como um homem que compra canarios. E doze Irmãs Pagãs viveriam soltas pela minha casa, loiras, trinando alacres marchinhas. E eu não as tocaria. Nem sequer lhes falaria. Apenas queria que ellas andassem pela casa cantarolando, as loiras irmãs de olhos azues, umas na cosinha, outras na varanda, outras no quarto, outras no banheiro. Na hora de escrever esta minha pobre chronica uma poderia sentar na mesa em que escrevo, outra abriria o radio, outra falaria ao telephone, outra ficaria na janella dando adeus para alguém, outra tomaria um banho de chuva, outras brincariam de roda.

O mais adoravel das Irmãs Pagãs é que ellas não são grandes cantoras. Possivelmente são mediocres. Mas que suave e genial mediocridade. Eu tambem sou mediocre e confesso despidoradamente que adoro as Irmãs Pagãs. Apesar de tudo e apesar de si mesmas, como são innocentes as Irmãs Pagãs! E como são pagãs! E como são innocentemente pagãs!

Voltemos á rua da Praia. Voltemos, que hoje é sabbado e faz sól. A tarde vae ser linda. Eu, por mim, voltarei. Eu me plantarei no meio da rua, vagarei para cá e para lá. Vagarei triste e vagamente afflicto, sem ganhar sorrisos, mas ao mesmo tempo satisfeito porque haverá sól e haverá mulheres lindas andando ao sól e essa coisa boba e simples me commove e me faz bem, muito mais bem que a musica e os versos e qualquer outra coisa no mundo.